

consiste: 1.º em não prestar socorros, nem fornecer voluntariamente tropas, armas, munições, nem outra cousa que sirva directamente para a guerra; 2.º quanto ao que não respeita a guerra uma nação neutra e imparcial, não recuará a uma das partes, em razão de sua contestação actual, o que ella concede a outra. Se assim é, parece-me que não se poderá dizer com fundamento, que uma nação não se torna belligerante, pelo facto de consentir que se façam levas de soldados em seu território, quando ella é a unica capaz de exercer este acto soberano.

Eis as razões que nos induzem a considerar os mercenários como inconvenientes e illegítimos, o que nos parece termos provado, posto que succinctamente, com argumentos para nós de alguma força.

S. Paulo 18 de Junho de 1856.

G. V.



A confissão do moribundo.

Nos seules vérités, hommes, sont les douleurs.

(LAMARTINE.)

I.

Era por uma dessas noites frias e chuvosas, tão raras no ameno clima da cidade de S. Paulo.

O vendaval roncava por sobre a ramiagem escurenta dos bosques—como a pantera enraivecida — faminta de sangue. Amiudados relâmpagos crusavão-se no paramo dos arcos, bordando no véo lurido da noite esse recortado de fogo, que parece uma praga do inferno contra a natureza! E as azas ignivomas do trovão, roçando pela esphera, lascavão os carvalhos seculares das selvas, sumindo-se nas entranhas dos abysmos!

Dir-se-hia que novo Elias era arrebatado em carro de fogo para o céo, ou que gigante mal assombrado ameaçava aniquilar o universo, convulsando a natureza inteira!!

Sobre o tope de um monte, onde o raio batia com mais força, erguia-se um pardieiro, que alvejava ao caminhante—como uma gruta de pedra derrocada pelo açoite dos séculos!

Os raios penduravão-se sobre os retraços desse edifício desmoronado, formando movediças cortinas de fogo. E um sombrio mystico, derramado em torno, pelo folhudo das selvas, dava-lhe um aspecto ainda mais melancólico e triste, ainda mais funebre e religioso!

Nessa choça abandonada, habitava um velho—em cuja fronte estão gravados os sulcos das lagrimas e da tristura — como um sello vivo de condenação eterna!

A tormenta, rugindo por sobre a sua cabeça, iria repercutir em seu coração — como um echo triste e abafado do remorso—onde bravejão as vozes da consciência, se o pobre velho não dormitasse—surdo ao fragor da natureza em convulsões!

Um sacerdote está a seu lado. De suas mãos, ungidas no óleo sancto, pende um crucifixo de madeira—glorioso emblema da redempção da humanidade!

A palida e enfraquecida luz de uma candela alumia toda esta scena.

Eis que um trovão rebenta no pincar das rochas, e resvala por sobre as pedras soltas do pardieiro.

Um gemido prolongado se desatou das cavernas do peito do ancião, e entre-cortados nomes lhe agitão irrequieto somno. Como que labuta por debellar um pesadelo, que lhe opprime o peito e esmaga as forças. Intenta levantar-se.... Dá um grito... e cae prostrado.

.....

Passarão-se assim alguns minutos nessa modorra, que não é o dormir das faculdades, nem o descanso da materia. Um anejar arquejante lhe torna a respiração mais rapida, entrecortada algumas vezes por fundos suspiros.

O pobre velho soffria, e soffria profundamente.—Seus olhos encovados se exalçavão até a cruz, e da cruz ao sacerdote.

—Meu padre!—diz elle, depois de dolorosas reticencias—sereis capaz de arrancar do inferno uma alma perdida na negrura de todos os vicios e crimes?.... Sereis capaz de elevar até o throno rutilante do Christo um reprobo, que tragou gota a gota o calix de todas as iniquidades?

—O poder de Deos é infinito, meu filho! O arrependimento na alma do crente é como o maná celeste, que por 40 annos nutriu as tribus de Moysés, que se purificavão nas solidões do deserto! Acalmae-vos, meu filho; a dor do corpo é passageira e filha da fraqueza humana. Voltae-vos ao martyr de Gethsemani—aquele que morreu morte affrontosa por salvar-nos.

—Salvar-me!—brada o ancião—salvar-me!—e seria possível um tal milagre?... Oh! meu padre!—não acrediteis, que as portas do céo se abrão para o apostata!—não acrediteis que as maravilhas eternas sejam fruidas por aquelle que esmagou debaixo dos pés as leis da natureza: que sorrindo rasgou uma por uma as paginas do livro da moral, e ficou ensurdecido ás vozes intimas da consciencia!

O ancião ficou vergado ao peso de profundas recordações. Procurava o lenitivo nas lagrimas, e uma só não brotava de seus olhos aridos e lividos pela dor do coração. Levantava sua alma até o céo nas azas da oração, e o inferno respondia nas convulsões da natureza!

—Sim, meu padre,—continua o ancião, depois de alguns minutos de fundo silencio—vós ides ouvir a historia toda da minha vida;—de uma vida toda de reticencias e duvidas, de delicias e gosos—delicias e gosos porem ephemeros—como as flores, passageiros—como as nuvens. O que ha de real na vida, meu padre, são as dores e os remorsos. O mais tudo é como a nuvem cõr de rosa, que por ventura apparece por entre as cortinas negras da tempestade.

Escutae.

II.

—« Contava eu apenas 15 annos, quando perdi pae e mãe. Entregue a mim mesmo, senhor de uma fortuna colossal, e dotado de uma alma ardente e caprichosa, atirei-me com soffreguidão aos mais cynicos deboches, aos mais horriveis attentados. Da concepção á execução de um plano só mediava o tempo indispensavel.

« Um dia, meu padre, passeava eu, sonhando novos prazeres, novas conquistas. Era pelas 6 horas da tarde de um dia de dezembro. O sol recolhia-se ao poente, circundado de turmalinas de nuvens d'ouro e rosas, e derramava sobre as montanhas, que circunscreviaõ as extremas do horizonte—uma roupagem diaphana e tremejante.

« As auras da tarde sopravão mansas e perfumosas—como se passassem por sobre um laranjal florejado em primavera. Eu absorvia a expansão da natureza nessas endeixas da brisa vespertina, que parecia vocalizar strophes de amor.

« De repente surge a meus olhos uma donzella—tão bella e cheia de encantos—como devera ser Armida para Tasso, ou Julieta para Romeo.

« Era um typo de 15 annos que os anjos moldarão para si. Belleza placida e embalada no coxim da innocencia, que se não entreabriria aos beijos lascivos do

mundo. Era como um botão de flor meio aberto que exala seus odores ao rosicler vermiculado da aurora, e que se cobre de orvalho aos raios ardentes do sol!

« Ao vel-a tão sorridora—tão candida—minh'alma afagou as mais floridas esperanças de ventura, e como que um reflexo irisante da lua dos amores veio iluminar minha coroa de sonhos.

« Idiei uma nova existencia—a sós—com ella, e a mansão ridente de prazeres ineffáveis se me entreabria por entre as nuvens esmeraldinas do ceo da esperança.

« Amei-a com aquelle affecto d'alma—profundo e ardente—que identifica duas vidas n'uma vida, duas almas n'um só corpo. Despresei o mundo e suas van-glorias, a sociedade e seus enganos, e sonhei uma cabana, tapetada de jasmins e madresilvas, onde nossa vida deslissasse—como n'uma ilha de amores:—onde nossos labios interlaçados n'uma nuvem de beijos, e nossas almas engrinaldadas n'um laço de suspiros, contemplassem esses dias de verão, em que a ardentia do ceo e o azul do mar se harmonisão na magestade do infinito:—uma d'essas tardes do estio em que as harpas da natureza fluctuão nas cordas da tristeza, difundindo, por labios de anjo, o tremuloso de vibrações intimas—como nenia de saudades! Sonhei nossa vida de amor já sorrindo ás auroras da primavera—auroras tão cheias de luz e flôres, tão purpurinas de rosas, tão doces de venturas!

.....
« Insensato que eu era, meu padre, que não conhecia, que no peito do malvado não pode azilar-se um pensamento do ceo!

« Sabeis o que fiz d'essa donzella, tão joven e candida?...—Deshonrei-a, perdi-a... e atirei-a ás lupercaes do mundo!

« E ella, que era tão casta—como a flôr sublucana, desmaiou ao raio ardente do sol da miseria, e prostituio-se mão grado seu.

« Um dia entrei por acaso em um cemiterio. No meio da igreja se levantava um modesto catafalco. Perguntei quem havia morrido?

« Já advinhastes, meu padre. —Era ella!—era a flôr da madrugada que havia murchado na aridez de um hospital, e mendigado a mortalha com que se lhe cobrisse os restos angelicos!—Era o lirio da manhã, que havia pendido o calix de perfumes, batido pelas azas do furacão da morte!

« Uma só fibra do meu coração não agitou-se á presença desse quadro de desventuras; em contrario, sorri-me com aquelle desdem estúpido do fatuo que enlaçou mais um trophéo de glorias ás suas corôas brilhantes. »

III.

« Uma sede de prazeres porem ardia-me no cerebro. Em meu peito borbulhavão as imagens da volupia e do debuche, como no coração das Messalinas as fibras de cynismo.

« O Brasil não me promettia essa perspectiva de seducao e attractivos, que erão o meu sonho de flores oientes, e por assim dizer, um apanagio com que a prodiga natureza me havia brindado!

« Veneza! Veneza!—era o Eldorado que refloria em minha imaginação nos momentos de solidão e tristeza!—Veneza! era a terra dos meus sonhos, o Eden das minhas crenças de amor!

« Deixei o Brasil, onde me parecia ficar as sombras e negruras, que enlucavão o quadro de minha vida, e como que entrevi uma nova estação de flôres, bafejando com seu halito perfumado, os umbráes do meu futuro!

« Desembarquei em Veneza em uma tarde, em que a natureza derramava sobre a terra as perolas coralinas de um ceo côn de rosa, e as musicas mimosas das harpas ethereas:—em uma d'essas tardes, em que os esluvios odorosos dos laranjães fallão ao coração do homem das saudades da patria, e do mysterio nas esperanças de amor!

« Bem poucas vezes palpitou meu coração com essa expansão de venturas, que faz o homem esquecer do passado, renegar o futuro e viver do presente. Pondo o pé em Veneza parecia-me remoçar á essa edade de innocencia e flôres, em que tudo é folgado, sorrisos e esperanças!

“ Foi na praça de S. Marcos onde fiz minha habitação.

“ Por junto da minha morada havia um elegante edificio—onde habitava um anjo transformado em formas de virgem.

“ Um dia eu vi-a recostada na janella com os olhos fitos para o poente onde o sol enterrava-se por sobre almofadas luminosas de purpura e oiro !

“ Quem á visse n’essa doce meditação, a tomaria por um lirio branco gotteado de orvalho, enamorando-se aos raios doirados do sol, ou antes por uma estatua de Canova alentando-se das brisas geniaes da tarde !—Era como uma d’essas virgens pagans, que se purificavão no crysol da ternura, e que no abrir dos labios deixavão entrever os umbráes vedados do Paraíso !

“ Eu vi-a n’essa posição, que é toda enlevos, graças, volupia e emoções. Uma febre delirosa coou-se-me pelas arterias, e um louco amor tomou meu coração.

“ Ideei loucuras, insanias para possuir essa mulher, esse anjo, esse sylpho ethereo de luz, que tombava das regiões do Paraíso, e vinha clarificar as fumarentas noites de minha existencia !

.....

“ Assim passei douz mezes, meu padre,—amando nas trevas, alentando-me de lagrimas e incertezas, de suspiros e ancias !

“ Uma noite encontrei-a em um baile. Passeamos juntos. Levei-a depois a um terraço.

“ O luar, banhado em pranto, brilhava explendido na cupula cinzenta do ceo: e as estrellas tinhão assumido esse fulgor tremuloso e diaphano—que parecia o ether bordado de lhama de prata.

“ Seus olhos de Hespanhola scintillavão mais que essas estrellas errantes pelo periplo das nuvens, sem todavia assoguarem como os da Italiana mergulhados n’um lago de seduções lascivas !

“ Perto d’ella, á sós com a realidade dos meus sonhos rosados, debaixo de um docel de estrellas, tendo por unicas testemuuhas a viração da noite e as flôres do jardim. ... —era para mim como que um despertar das mesquinhesas da terra na mansão ridente de uma primavera de rosas e perfumes, de musicas e amores !

“ Não sei o que lhe disse. Lembro-me porem que uma só palavra não burbulhou á flôr de seus labios !

“ —Porque não me respondes ?—lhe disse. Falla, donzella: uma só de tuas palavras para mim é como um talisman, que nossa mãe nos legou na hora extrema. Não suffoques impiedosa este amor, que me promette um futuro de risos ineffaveis, e que me amostra as portas encantadas do ceo da existencia ! Não esfries este vesuvio, que a douz mezes lavra pelo meu coração, que vive da minha vida e que se esvairá com o meu sangue . . .

“ Mas ella sempre muda ! !

“ Continuei a pintar-lhe o fogo de amor, que me queimava o coração, e me tornava quasi insensato. E minhas palavras erão como o som perdido das harpas da manhã a modularem na soildão ! Porem, mão grado seu, escutou-me até que uma voz murmurou :

“ —Damietta ?

“ Ella deslaçando-se do meu braço, apenas disse com voz sumida e oppressa :

“ —Chamão-me, Snr.

“ —E quem se atreve arrancar-me de tua companhia ?

“ —Meu marido, Snr.

“ Meu padre, o raio precipitado das nuvens sobre o galho da palmeira não é mais veloz e estragador que o calafrio de morte que escorreu-me por todo o corpo. Fiquei esmagado sob o peso daquellas palavras fatidicas, que soarão a meus ouvidos—como o dobre por desfuntos.

.....

“ Assim volverão-se ainda alguns dias, sem que soubesse o que era feito della.

“ Uma noite saindo a passcar encontrei-me com um creado da casa. Perguntei por Damietta. O creado nada respondeu-me, apontando para o longo ho-

risontal da rua. Voltei-me: e reconheci perfeitamente o rosto angelico de Damietta por entre o véo crystalino de algumas lagrimas, que lhe tombavão pelas faces—como perolas de orvalho sobre folhas de rosa. Ella vinha ao lado de seu marido.

—« Porque chora Damietta? —perguntei ainda ao creado.

« Soube então que seu marido tinha ouvido tudo, quanto eu lhe revelara nessa noite fatal, e que cioso de sua honra a ia desterrar para fóra da república.

« Um pensamento sinistro e infernal varou-me o espirito. Uma idéa de sangue veio enfuscar a virgindade de minh'alma!

« Remechi as algibeiras e a ponta aguda de um punhal bateu de encontro a meu peito.

« Acompanhei-os, para onde quer que fossem. De meus olhos se desferião labaredas de fogo injectadas de veios de sangue! Sentia as faces tão ardentes, como se sobre ellas repousasse a cratera de um volcão. Meu coração batia nas paredes do peito, como se pretendesse rompel-as!

« A dous passos de distancia de Damietta e seu esposo, eu caminhava triste e pensativo—como a victima que vae caminho do sacrificio!

IV.

« Era alta noite. A lúa, silenciosa e tristonha, vagueava em seu palacio de rainha—como figura de alabastro que tem a fronte reclinada em almofadas saphirinas. Um elo de melancolia aunava o céo e a terra na mais profunda solidão; apenas de quando em quando o marulho das agoas, e o canto longinquo desatado da gondula do pescador, interrompião este socego da natureza com suspiros repassados de tristeza e doçuras!

« Chegamos á praia. A gondula que devia recebel-os, já os aguardava.—Embarcarão.

« Eu, occulto á sombra de uma arvore solhuda, avistava Damietta—tão linda como a Venus pagan—tão diaphana—como uma apparição balsamica e divina surgindo do leito da morte aos beijos de fogo do amante!

« Já a gondula resvalava sobre as agoas.... e Damietta avultava ainda—como nma figura branca e vaporosa que sorria entre as nuvens! Já uma barreira se ia alevantar entre o meu coração e Damietta.... quando louco, desvairado, atiro-me nas agoas com o punhal preso nos dentes. Aproximo-me da gondula depois de muito lutar contra a correnteza.

« De um salto galguei a altura da gondula.—Um espanto geral causou a visita inesperada e bastante singular de um homem, que sem ser pressentido, nem aguardado, ali se apresentava.

« Aproveitando da surpresa e do silencio da noite, arranco do punhal, que trazia nos dentes, e dous suspiros se ouvirão!...—um de Damietta, que cahia desmaiada, outro de seu esposo que tombava morto.—Um era o arquejar de dor da viuva,—outro o vasquejar de agonia do moribundo.

« O clarão palido e esmorecido do luar dava a esta scena um mesclor de tristura tão intima, que senti um gelo intenso correr-me pelas arterias, e o sangue parar-me nas veias. As arvores das margens erão outros tantos espectros, que se levantavão do sepulchro para levar o meu crime á presença de Deos!—E o susurro das agoas, que se desprendião de suas cadeas, era—como o echo medonho e funereo desse gemido, que foi o derradeiro de sua vida! !...

.....

« Não vos contarei, meu padre, quaes minhas dores e torturas, quando Damietta despertara. As lagrimas se lhe desfiavam pelas faces—como aljofares desprendidos de um rosario roto, ou como a chuva copiosa no calice do lyrio!

« Seus olhos procurarão seu esposo, e em vez delle encontrarão o seu verduro! Seus labios se entreabrirão para bradar socorro!... e só o echo da solidão, e o murmúrio dos ventos respondia a seus soluços e afflições! !... Queria entregar seu

corpo ao seio das agoas, e a minha mão a comprimia—como tenazes de ferro a não arredar um passo ! Procurava evitar minha presença, e por toda a parte, para onde erguesse os olhos, me encontrava — como o genio do mal pregado em base eterna !....

“ Oh ! meu padre, essa mulher por quem eu ensopei minhas mãos no sangue, odiava-me.... e odiou-me eternamente !....

“ Fiz-lhe todas as promessas de futuro, desenhei o viver de duas almas que se comprehendem, e que adorão o mesmo Deos no mesmo ceo, e as mesmas crenças nas mesmas aras !.... Pedi-lhe uma só palavra nas suas orações, uma só lembrança em seus momentos de tristeza, uma só nota nos seus cantos de melancolia ! E ella, sempre altiva, sempre orgulhosa, calcando-me ás plantas com o mais soberano desprezo !

“ Quiz levar o meu crime perante os tribunaes de Veneza, porem o manto da noite e o fundo das agoas erão uma das testemunhas, outra era o gondolciero que fez-se mudo a peso de oiro !

“ Um anno, meu padre, arrastei essa vida de esperanças e crenças ! Um anno todo foi empregado em ver se podia quebrar a isempção dessa alma de ferro onde os meus rogos se hião despedaçar--como a cachoeira por sobre os barrancos do valle !

“ Mas tudo baldado ! tudo em vão !!!....

V.

“ Era o anniversario da morte de seu marido.-- Era o anniversario dessa noite horrivel, em que o sello da reprovação ferreteou a minha fronte !

“ Uma força estranha e irresistivel me arrastava para esse logar, onde a fatalidade, ou talvez a desventura, sigillou com sangue a minha presença.

“ A noite se deslisava n'um sendal tauxiado de estrellas brancas e fulguras ; e a lúa—limpida e serena—remanceava por entre essas cintas aluziadas de estrellas—como a noiva, engrinaldada de flores, por entre as tochas aromaticas de um salão brilhante !

“ Obedeci á fatalidade. Caminhei para o Golgotha, onde o sangue da victima inulta ainda sumegava ! Ao avisinharm-me do logar embebido de tantas recordações de dor, um arrepió glacial coou-se-me por todo o corpo. Quiz fugir.... recuar do painel desvairoso, que como uma sombra truculenta enfumaçava o horizonte de minha vida.... — quando apercebo junto a mim um vulto de mulher, que lentamente caminhava.

“ Essa mulher, meu padre, era Damietta :— não Damietta de faces purpuras, olhares vivaces, fronte resplendente de sorrisos e alegrias ! Não era mais aquella irmã das flores que alentava-se de perfumes e orvalho ; que alegre corria aos jardins resploridos da primavera, aguardando a aurora, que se levantava do seu leito de fogo por sobre as almofadas crystalinas das agoas, ou o sol que desciahia por sobre as flores roxas do monte, palliando uma mina de brilhantes e rubins, semelhante a esse tapete, onde estava levantado o throno de Rundjee-Sing. Não ! —esta nova Damietta era palida—como Carmelita ; seus olhos ovacos e rasgados não havião ainda perdido todo esse fulgor vivaz, porem quasi sempre rolavão n'um lago de lagrimas ! Suas faces desbotadas erão ainda frescas e alfeninadas—como a rosa da manhã batida pelas ventanias geladas do inverno ! Seu todo era como uma visão vaporenta d'alvorada que se perdia n'um raio do sol !

“ Meu padre, se aquella Damietta era linda !—esta era seductora; se aquella tinha feitiços e enlevos !...—esta tinha magia e seduções : se eu amei a esposa, idolatrei a viuva !!

“ Oh ! ao vel-a tão santa ! tão vaporosa ! senti todo o sangue refluir-me ao coração, e uma idéa voluptuosa e infame apoderou-se de meu espirito ! Se pude até então lutar contra a minha fraqueza, se pude até então vencer-me a mim proprio por espaço de um anno, ralando as mais pungentes decepções e o escarneo daquella, que era para mim—como um crença florida, ou como uma fibra da mihi' alma que tinha suas raizes no coração.... agora que a vejo tão pura ! tão proxima dos anjos.... lanço-me a seus pés ...imploro o perdão do meu crime... offereço-lhe a minha mão de esposo....

« Oh! meu padre! ella fulminou-me o olhar do mais acerbo despreso, e apenas murmurou—*E's um infame assassino!* ! !

« Estas palavras s'enterraram pelo meu espirito—como verrumas em fragoa pelas carnes palpitantes da victima! Mais rapido, que o leão que empolga a presa, levanto-me ao som infernoso destas palavras satíricas, e a enforco com as suas proprias tranças, que se desatavão pelos seus hombros—moldurando-lhe um colo de leite marmorizado!

« A lua, que desmaiaava no colo das estrellas, de envergonhada escondeu a fronte alabastrina entre nuvens azevichadas, e a ave agourenta da noite roendo pela minha fronte com suas azas expandidas, estropeou um guincho horrendo!..

(Continua).

Lindorj.



As Repúblicas do Prata.

I.

E' por certo lamentavel o espectaculo, que as republicas do Prata teem apresentado ao mundo. Livres do jugo da metropole, elles nada tem podido estabelecer de fixo e definido em sua organisação politica, e muito pelo contrario teem até hoje sido victimas do embate das paixões desenfreadas dos partidos. E nesse viver de oscillações nesse viver de revoluções continuas, elles tem visto erguer-se em seu seio, ou a anarchia das paixões individuaes soltas ao acaso, ou o despotismo d'um só, que matando a autonomia de um povo inteiro—fazia de seus menores caprichos uma lei imperativa, e aviltava sua patria, digna de melhor sorte, aos olhos dos povos cultos.

Aquelle que quizer seguir o preceito do philosopho, deitar chumbo á razão para que ella pese e desça até o fundo das questões, enxergará por sem duvida nesse viver anomalo dos Estados do Prata a realisação da verdade enunciada por Montesquieu, e repetida mais tarde, entre outros por Guizot, isto é,—que o melhor governo é aquelle que mais se accommoda ao povo a quem é applicado.

Nós, que não temos as forças sufficientes para descer ao fundo das questões, não duvidamos todavia abraçar a opinião, para alguns talvez erronea, de que a acceptação da forma republicana pelos povos do Prata foi para elles uma fatalidade.

E com efecto! para que um povo abrace as instituições puramente democraticas, não basta que tenha abnegação ás honras e titulos que as monarchias soem prodigalizar; não basta que tenha em elevado grão o sentimento da liberdade, e que vote odio e despreso aos erros e crimes dos reis, porque não é odiando e despresando os actos dos homens que se combatte um principio, não, cumpre tão bem que tenha abnegação bastante para preferir o interesse geral ao particular, e que tenha em alto grão, a par do sentimento da liberdade—o sentimento da ordem, o habito de uma nobre obediencia ao principio da autoridade, em quanto elle obra dentro das raias de suas justas attribuições, e que as luzes da civilisação não tenham apenas resvalado pela superficie da sociedade, mas sim que tenham latente calado varias camadas do corpo social. Estas condições são necessarias a todas as formas de governo—e necessarias para a felicidade de todos os povos, porem elles o são mais nos paizes em que domina a democracia pura, porque ahí sendo todos os postos sociaes dependentes do precario de uma eleição, ficão descobertos aos ataques de todas as ambições.